



Monográfico

**Materiais de ensino musical:
abordagens e perspectivas de
pesquisa**

Special Issue

**Musical teaching materials:
research approaches and
perspectives**

Recibido: 9 septiembre 2019
Aceptado: 9 diciembre 2019

Dirección autor:

Universidade Federal do Paraná,
Setor de Educação, DTPEN -
Departamento de Teoria e Prática
de Ensino. R. General Carneiro, 460,
quinto andar, sala 510 Centro
80060-150 - Curitiba, PR (Brasil)

E-mail / ORCID

guilhermeromanelli@ufpr.br



<https://orcid.org/0000-0003-0485-8322>

ARTIGO / ARTICLE

Entre o digital e o impresso: perspectivas nos manuais e mídias para o ensino de música no Brasil

Between printed and digital: perspectives on textbooks and educational media for music education in Brazil

Guilherme Gabriel Romanelli

Resumo: A temática dos livros didáticos para o ensino da Música é recente e conta com um conjunto de pesquisas relativamente escasso. No que se trata do estudo de materiais digitais para o ensino da música, essas referências são ainda mais raras. Este texto se orienta na discussão das propostas digitais disponíveis para a Educação Musical, particularmente na Educação Básica, tomando por base os «Livros Digitais do Professor», na área de Arte/Música, oferecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD na sua edição que entrará em vigor no ano de 2020. O referencial teórico para a análise está relacionado à manualística e estudos que a localizam dentro dos contextos da cultura escolar. A metodologia privilegiada foi a análise documental, tomando 28 livros digitais PNLD Arte – 2020 como objetos de estudo. Os resultados permitem afirmar que o livro digital é uma realidade que ocupa espaços em programas estatais brasileiros de livros didáticos; que o formato desses livros ainda está em construção, o que se traduz em obras que têm estruturas e formatos que são bastante diferentes entre si, diferenciando-os dos seus paralelos impressos que são mais uniformizados; que há uma inércia quanto ao modelo didático abordado nos livros, denotando uma tendência em replicar os modelos presentes nos livros impressos. Finalmente, o estudo possibilita salientar o esforço em oferecer a estudantes brasileiros livros digitais de Arte/Música de boa qualidade e em diálogo com a contemporaneidade.

Palavras-chave: Livros didáticos, Livros didáticos digitais, Educação Musical, Ensino Fundamental, PNLD.

Abstract: The research field on textbooks for Music Education is relatively recent, a fact that brings yet a timid corpus or researches. Concerning digital textbooks, those researches are even scarcer. This paper discusses the digital solutions for Music Education in basic schooling in Brazil, and elect as study objects the «Teacher's digital textbooks» for Art/Music Education, distributed by the Brazilian federal textbook program known as PNLD, in its 2020 edition. The theoretical framework is related to “manualistics” and studies connected to the concepts of schooling culture. The main method of this research is the document analysis taking as object the twenty eight digital art/music textbooks approved by the 2020 PNLD program. The results show that: digital textbooks became a reality in the Brazilian public textbook programs; the nature of those textbooks are still being shaped what is revealed by a variety of contours and structures, different of what happens in the printed version of textbooks, usually seen as more uniformed; the didactic models of those digital textbooks are, in general, still conservative, revealing a tendency of maintaining methodological models of the printed books. Finally, this research allows highlighting the efforts in offering better Art/Music digital textbooks to Brazilian students, enabling a dialogue with aspects of the contemporary world.

Keywords: Textbooks, Digital Textbooks, Music Education, Elementary Education, PNLD.

1. Introdução

Os estudos sobre livros e mídias didáticas têm avançado consideravelmente nos últimos anos (Rodríguez; Garcia, 2019) e esse progresso tem revelado a complexidade e abrangência desse tipo de investigação. Se por um lado, já há bons referenciais teóricos nas diversas áreas de conhecimento que utilizam o livro como forma de sistematização da ação docente, por outro, ainda se sabe pouco acerca do universo relacionado à produção, escolhas e usos pelos mais diversos sujeitos da cultura escolar (professores e estudantes), o que se apresenta enquanto uma teia de tramas complexas e de possibilidades investigativas ilimitadas. Uma das áreas mais recentes na pesquisa com livros e manuais didáticos está no estudo dos formatos digitais e sua interface com as diferentes tecnologias.

Este artigo se propõe a trazer os resultados de uma análise dos livros didáticos de Arte/Música (binômio que será explicado ao longo do artigo) aprovados pelo Ministério da Educação brasileiro para o triênio 2020-2022 no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, particularmente no seu formato digital. Deve-se enfatizar que os livros didáticos representam dois terços do mercado editorial brasileiro (Failla, 2016) e que, grande parte deles é distribuída gratuitamente às escolas públicas de toda Educação Básica, constituindo-se em um programa que movimenta grandes recursos financeiros na ordem de 1.250.000.000,00 de reais por ano, na média dos últimos três anos, o que equivale a US\$ 300.000.000,00. (Brasil, 2019b).

Um dos aspectos interessantes no que se refere ao estudo dos livros e manuais didáticos é a multiplicidade de formatos que esses materiais assumem (Batista, 1999), o que torna difícil definir e categorizar esses objetos que estão presentes em praticamente em todas as escolas, há vários séculos e, mesmo assim ainda são marcados por uma invisibilidade enquanto objetos de estudo (Garcia, 2013).

Dada a diversidade de nomenclaturas e a dificuldade em definir os textos didáticos impressos ou virtuais que são utilizados na educação, optou-se, neste artigo, em adotar a terminologia proposta por Escolano-Benito (2006), ou seja, o termo manualística. De forma ampla ele define uma área de estudo que se debruça sobre uma infinidade de temas relacionados à produção, circulação e utilização de materiais didáticos escritos que circulam nos mais diversos espaços educacionais, e sob as mais variadas configurações. Além de facilitar a escrita, a adoção de um termo “generalizante” permite contribuir para a consolidação de uma área particular de pesquisa ligada ao macro campo da Educação.

Uma das áreas do conhecimento escolar que herda uma longa tradição nas formas escolares e, por conta de suas particularidades poderia ser compreendida como um código disciplinar, conforme conceito cunhado por Raimundo Cuesta (2006) é a Educação Musical. Desta forma, a manualística ligada ao ensino da música é objeto de estudo do presente artigo.

Uma transformação recente na manualística é a utilização de suportes digitais para os mais variados objetos educacionais escritos. O formato digital para livros trouxe consequências ainda pouco estudadas na forma como nos relacionamos com o conhecimento. Para Kant, havia um sonho de que todo o sujeito pudesse ser leitor e autor ao mesmo tempo, tornando-se mais ativo na sua relação com o conhecimento (Chartier, 1999). Essa ideia utópica da segunda metade do século XVIII se tornou bem mais plausível a partir do suporte digital, em especial aquele que permite uma postura ativa por parte do leitor, como é o caso dos textos sediados em plataformas que se comunicam amplamente com a internet.

Com relação ao contexto brasileiro, há uma série histórica de pesquisas de grande escala, chamada “Retratos da Leitura no Brasil” (Failla, 2016). Iniciada em 2001, essa pesquisa está em sua quarta edição e traz um panorama abrangente sobre os hábitos de leitura dos brasileiros, incluindo os acessos aos meios digitais. Considerada um dos retratos mais completos sobre os hábitos de leitura dos brasileiros, essa pesquisa entrevistou 5012 pessoas em sua última edição. O levantamento revela que a relação dos brasileiros com os materiais escritos disponíveis de forma digital ainda é nova e tem resultados que podem ser considerados contraditórios: a disponibilidade de materiais escritos sob a forma digital cresceu consideravelmente, mas o ritmo desse crescimento está diminuindo, contrariando as primeiras projeções sobre o mercado dos livros digitais; 56% dos entrevistados afirmaram já ter lido um livro digital por meio do telefone celular ou smartphone (Failla, 2016), sendo que esses aparelhos são apontados como o suporte tecnológico preferido de leitura, superando o uso de computadores e tablets; a mesma pesquisa aponta que existe atualmente um desafio em estimular a leitura especialmente entre a nova geração que está “quase entorpecida pela comunicação em meio digital” (p. 20), ou seja, a hiper-conectividade não parece favorecer diretamente o hábito da leitura, em especial aquele que se difunde na cultura escolar.

Em função da abordagem dos livros em formato digital, a pesquisa coordenada por Failla também apresentou um panorama sobre o acesso que os brasileiros têm à internet. O levantamento permitiu revelar que a metade dos entrevistados utiliza a rede para ouvir música, sendo que esse número passa de 60% na faixa etária de 14 a 24 anos. A utilização de telefones celulares para ouvir música também foi verificada na pesquisa de Edilaine Vieira (2018) que investigou a relação que jovens do campo estabelecem com os livros didáticos.

Dentre as várias áreas do conhecimento, é evidente que a internet está diretamente ligada ao formato digital da música, implicando mudanças inéditas, pois «pela primeira vez, no mesmo suporte, o texto, a imagem e o som podem ser conservados e transmitidos» (Chartier, 1999, p. 134). Essas transformações são particularmente relevantes para o campo da Educação Musical, uma vez que a audição musical é uma instância essencial (Romanelli, 2014) e que depende diretamente de acesso a suportes fonográficos. Para além das atividades de apreciação musical, as novas possibilidades tecnológicas que livros digitais oferecem, permitem integrar texto, áudio e vídeo, elementos particularmente relevantes para o ensino da música.

Antes de abordar os livros didáticos digitais e os impactos da tecnologia no ensino da música, é necessário fazer uma rápida incursão pela relação que estabelecemos com a música ao longo da história. Um ponto de partida é reconhecer que a música é uma prática cultural que acompanha a humanidade desde seu início, ou, segundo Steven Mithen (2006), mesmo antes do aparecimento da nossa espécie. Tomando outros referenciais da paleoantropologia, pode-se afirmar que a prática musical acompanha a humanidade desde seu surgimento, ou seja, há 200.000 anos (Harari, 2018). Foi apenas no século XVIII que meios mecânicos de reprodução permitiram ouvir música sem necessitar da ação de um músico (Leibovich, 2018). Finalmente no final do século XIX e início do XX é que a radiofonia e a fonografia foram inventadas, permitindo, pela primeira vez na história da humanidade, que um som (e a música) pudesse ser ouvido sem a necessidade da presença da fonte sonora original. Aliás, a invenção do fonógrafo por Thomas Edison em 1877, foi feita inicialmente com objetivos didáticos, uma vez que ele foi pensado para ditados para estudantes, ensino de idiomas, gravação de palestras e até áudio-livros para cegos (Leibovich, 2018), o que permite vincular o início da fonografia com os precursores da tecnologia para a educação. Somando-se a essa revolução, na década de 1990 a internet se distribuiu no mundo todo e nos anos 2000,

surtem as plataformas de compartilhamento de músicas, como, por exemplo, o YouTube, em 2005.

Essas transformações foram radicais e tão recentes que ainda é difícil medir seu impacto na forma com a humanidade se relaciona com a música. Essas mudanças certamente influenciaram a forma como a música é ensinada e, conseqüentemente como seus materiais didáticos são produzidos. Considerando-se que essas transformações afetam o próprio conteúdos do ensino, do ponto de vista do código disciplinar a música foi uma das disciplinas mais impactadas pelas transformações dos últimos cem anos.

Ao escolher os livros digitais para o ensino de música enquanto objetos de estudo, é importante delimitar o que são os materiais digitais relacionados à Educação Musical. Para além dos textos disponíveis de forma virtual (nos formatos «.doc», «.pdf», etc.) os arquivos de áudio e vídeo, já são amplamente utilizados em formato digital (nos formatos «.mp3», «.wav», «.mp4», etc.), como consequência da revolução na forma de gravação e portabilidade desses arquivos (Leibovich, 2018). A internet trouxe novas possibilidades de compartilhamento desses arquivos que já eram digitais. Dessa forma, a dimensão digital do ensino da música não se limita aos materiais disponíveis na internet, mas também à sua portabilidade e armazenamento.

Entretanto, o formato digital, mesmo que como consequência direta dos avanços tecnológicos, não pressupõe por si uma mudança de repertório musical, ou nos hábitos de escuta. Em muitos casos, a utilização de CDs simplesmente reproduziu propostas de Educação Musical que eram anteriormente oferecidas com suporte no disco de vinil, ou nas fitas cassete.

Antes de apresentar o processo de pesquisa que originou este artigo, é importante fazer uma breve incursão a respeito das pesquisas realizadas em manualística da música no Brasil. No Brasil, essas pesquisas têm avançado recentemente, mas ainda ocorrem de forma tímida e circunscritas a alguns poucos centros de pesquisa (Romaneli, 2019), como exemplifica o único livro editado no Brasil sobre o tema, organizado por Jusamara Souza (1997).

As pesquisas em manualística relacionada à Educação Musical revelam grande diversidade de temas, incluindo livros didáticos para o ensino de instrumentos musicais, mas também aqueles destinados à Educação Básica. A multiplicidade de metodologias, recortes e categorias de análise revela também uma área em desenvolvimento multidirecional, mas que ainda carece de padronização quanto às abordagens e métodos, o que dificulta o trabalho de comparação de pesquisa.

No que se refere à manualística da Educação Musical e sua relação com os suportes digitais e as tecnologias, os estudos são ainda mais escassos. Destaca-se a pesquisa de Frederico Pedrosa (2017) que propõe o desenvolvimento de um aplicativo para telefone celular para o ensino da Viola Caiçara, um instrumento tradicional brasileiro circunscrito às comunidades do litoral sudeste e sul do Brasil. Há também a pesquisa conduzida por Daniel Gohn (2013) que destaca as novas perspectivas para a Educação Musical a partir das ferramentas de portabilidade de música e áudio presentes na internet.

2. Método

A metodologia escolhida para esta pesquisa é a análise documental (Gil, 1991) tendo como objeto de estudo os livros digitais de Arte aprovados pelo Ministério da Educação para o PNL D 2020. Tais livros foram estudados enquanto fontes primárias de

pesquisa (Eco, 1998). Quanto às categorias de análise, tomaram-se por base alguns elementos da proposta de Claire Roch-Fijalkow (2007) e uma pesquisa em desenvolvimento no Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas – NPPD da Universidade Federal do Paraná – UFPR, conduzida por Mauren Teuber e Guilherme Romanelli. Esta última é uma pesquisa de desenvolvimento (Shahi, 2015) de um modelo de organização e planificação de múltiplas características de um livro didático por meio da criação de uma tabela visual baseada no programa Excel a partir das pesquisas de Nicolás Martínez-Valcárcel (2018).

A seleção de livros analisados compreende um conjunto de 28 obras referentes aos livros didáticos de Arte do PNL D 2020. Esse grupo de livros se refere às sete coleções aprovadas pelo Ministério da Educação (Brasil, 2019a), cada uma delas com quatro livros digitais, sendo um livro para cada ano escolar dos Anos Finais do Ensino Fundamental (estudantes que têm, em média, entre 11 e 14 anos de idade).

Tratando-se de um estudo não comparativo, as coleções e os livros não serão nominados individualmente, tampouco seus autores serão abordados neste artigo. Entretanto, os nomes das coleções, suas editoras e os autores dos livros podem ser verificados por meio do Guia Digital PNL D 2020 (Brasil, 2019a).

Um recorte temático de análise foi realizado, privilegiando a área de Educação Musical. Isso foi necessário, uma vez que os livros contemplam explicitamente quatro linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), conforme as determinações legais para a disciplina de Arte (Brasil, 2016). É por essa particularidade que este artigo nomina os livros aqui analisados enquanto livros didáticos de Arte/Música, ou seja, a Arte enquanto grande área e Música enquanto linguagem específica.

A definição das categorias de análise dos livros digitais desta pesquisa tomou como base as determinações do edital público a partir do qual essas obras foram escritas (Brasil, 2018). O edital prevê livros didáticos para todos os componentes curriculares, dentre os quais está a Arte (incluindo a linguagem da música, além de Artes Visuais, Dança e Teatro). Cada coleção deve propor três livros por ano de ensino (5º, 6º 7º e 8º anos): livro do aluno, livro do professor e livro digital do professor, sendo este último o objeto de análise desta pesquisa.

Esta edição do PNL D foi a primeira alinhada à Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017) e dentro das diversas orientações educacionais, traz determinações relativas à abordagem da tecnologia na Educação. Hierarquicamente organizadas, as primeiras orientações são relativas à grande área de Linguagens (da qual a Arte faz parte) e determinam na competência seis que os estudantes devem

«compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.» (Brasil, 2017, p. 63)

No que se refere às competências específicas de Arte, a BNCC determina que os estudantes devem

«compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações. (Brasil, 2017, p. 196) e também “Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.» (Brasil, 2017, p. 196).

Além das competências gerais para Linguagens e aquelas para o componente curricular Arte, a BNCC também estabelece os objetos de conhecimento e habilidades para a Arte. De um total de 35 habilidades, há apenas uma relacionada à tecnologia, relativa ao objeto de conhecimento Arte e Tecnologia dentro das Artes Integradas. Inde-xada sob o código EF69AR35, ela determina que os estudantes devem

«Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.» (Brasil, 2017, 209)

A partir das definições do edital apresentadas acima, esta pesquisa se concentrou na análise apenas do conteúdo de música do livro digital do professor de cada uma das sete coleções aprovadas pelo PNLD – Arte 2020.

3. Resultados

De acordo com o edital do PNLD 2020 (Brasil, 2018), os livros digitais têm função de auxiliar e complementar o trabalho do professor a partir de sua articulação com os livros impressos. Esse fato permite destacar que tais livros digitais não se configuram enquanto um manual em si, mas enquanto parte da tríade livro do aluno + livro do professor + livro digital. Tal configuração traz uma concepção desafiadora para a manualística, uma vez que o objeto de estudo é um híbrido entre o impresso e o digital; entre o físico e o virtual.

Os livros digitais estudados necessitam de um computador com leitor de DVD, uma vez que o edital (Brasil 2018) determina que cada um dos quatro livros esteja disponível em um DVD de 4,5 GB cada. Por um lado, isso permite que os professores possam acessar o material mesmo sem acesso à internet, por outro, também exige que eles utilizem computadores com leitores de DVD, o que já não é comum em muitas unidades de computadores portáteis como os netbooks. Entretanto, conteúdos digitais também preveem a necessidade de apresentar links que permitam o diálogo entre as propostas escritas e conteúdos disponíveis na Internet. Nesse caso, tais livros enfrentam uma barreira importante, já que o acesso à banda larga de qualidade não é igualmente possível em todas as regiões do Brasil.

Sobre a diagramação dos livros digitais estudados, é interessante notar que, de acordo com o edital, estão escritos em formato de página A4 «para fins de avaliação pedagógica» (Brasil, 2018, p. 28). Essa exigência demonstra o vínculo que os materiais didáticos digitais têm com os formatos impressos. Se levarmos em consideração o formato da tela de um computador ou da imagem projetada em tela a partir de projetores multimídia, o formato A4, que é verticalizado, não tem correspondência com o posicionamento horizontalizado das mídias eletrônicas.

Quanto à organização dos conteúdos, os diversos livros analisados variam bastante entre si, mesmo que o edital do PNLD determinasse elementos obrigatórios, como: a) Textos que, além de apresentar o livro, indiquem a relação com o manual impresso; b) Plano de desenvolvimento bimestral que explique a forma como o material atende à BNCC, indicando também a metodologia e as práticas pedagógicas adotadas e sua relação com o livro do estudante; c) Um mínimo de três sequências didáticas (aula a aula) para cada um dos quatro bimestres escolares do ano; d) Propostas de instrumentos de avaliação para o acompanhamento da aprendizagem; e e) Materiais digitais audiovisuais (áudio, vídeo ou videoaula).

É interessante notar que as cinco determinações descritas acima não se configuram enquanto elementos próprios de materiais digitais e são amplamente presentes

em materiais impressos, incluindo a disponibilidade de materiais digitais audiovisuais, que podem ser acondicionados em mídias de CD ou DVD. Dessa forma, entende-se que o material digital busca incluir as novas tecnologias, mas ainda replica formas tradicionais de ensino amplamente descritas pela manualística. Há apenas uma indicação que se aventura para além dos formatos tradicionais do livro impresso, destacando que o material deve

«Oferecer atividades complementares às do livro do aluno, que possam ser aplicadas independentemente do livro impresso; incluindo projetos, trabalhos em grupo, apresentações, entregas em meios digitais (vídeos, fotos, apresentações, websites etc.) e propostas de autoavaliação pelos alunos.» (Brasil, 2018, p. 45).

Dentre as propostas oferecidas pelos livros digitais estudados, os hyperlinks oferecem um importante benefício pedagógico em relação aos seus pares impressos. Por meio de um simples 'click' o professor pode acessar um endereço na internet que se abre automaticamente (sites, áudios, vídeos etc.), sem a necessidade de digitar os gigantescos endereços da internet, arriscando-se a omitir uma letra, símbolo ou número. Se o professor se beneficiar de uma conexão de internet com banda larga suas aulas podem ser muito beneficiadas.

As mídias já constantes no material digital, que não necessitam de acesso à internet, são particularmente importantes para os professores que têm acesso restrito à internet. Trata-se de áudios, vídeos, videoaulas e audioaulas que contribuem bastante para as aulas, em especial ao se aproximar-se das mídias tão comuns ao cotidiano das crianças e dos jovens.

O formato digital do livro favorece a abordagem da tecnologia, mesmo que isso também possa ser proposto em livros impressos. A apresentação de atividades utilizando as mais variadas possibilidades dos telefones celulares e smartphones é muito interessante. Há várias sugestões de instalação de aplicativos gratuitos a serem baixados nos aparelhos dos professores e/ou dos próprios alunos. Tais abordagens levam em consideração a preferência de suporte tecnológico apontado pela pesquisa coordenada por (Failla, 2016). Há, inclusive, orientações sobre a qualidade do uso de arquivos de áudio e/ou vídeo, sugerindo a utilização de fones de ouvido ou caixas amplificadoras, a fim de contornar a má qualidade de áudio da reprodução dos aparelhos celulares.

Para a Educação Musical, as contribuições tecnológicas dos telefones celulares e smartphones são revolucionárias. Além da portabilidade de arquivos de áudio e vídeo, permitem o acesso à internet (também acessando áudios e vídeos), mas, sobretudo, permitem gravar, criar, manipular e reproduzir sons, reunindo em um só dispositivo características de instrumentos musicais eletrônicos, sintetizadores e estúdios de gravação. Esses dispositivos também podem se transformar em metrônomos, afinadores e muitos outros aparelhos a partir da instalação de aplicativos, muitas vezes gratuitos.

Alguns livros estudados abordam o fato de que, mesmo parecendo uma tecnologia acessada pela maioria dos jovens, a posse de telefones celulares e smartphones não é realidade para todos os estudantes. Tais obras propõem alternativas de compartilhamento e utilização coletiva que buscam evitar a exclusão de alunos com menor acesso às tecnologias.

A sugestão de encaminhamentos pedagógicos de atividades a serem realizadas exclusivamente em plataformas digitais é sugerida em alguns livros pesquisados. Nesses casos, nota-se que a tecnologia digital não está apenas a serviço da Educação Musical, mas se torna um elemento educacional em si, corroborando para as tentativas de inclusão digital presentes em diversas orientações educacionais legais, como é o

caso da BNCC e do edital que orientou a escrita dos materiais aqui estudados.

A maneira como os conteúdos de artes visuais, dança, música e teatro são apresentados nos livros digitais analisados revela uma forma fragmentada de abordar o conhecimento ainda muito comum em muitos livros impressos. O formato digital permitiria uma integração muito mais rica entre as diferentes linguagens artísticas, entretanto, o modelo de escrita organizado por capítulos, unidades e páginas ainda prevalece.

A partir da análise dos livros digitais, encontrou-se com frequência um formato muito próximo das versões impressas. A situação em que os livros digitais «mimetizam [...] os textos didáticos convencionais» (Escolano-Benito, 2012, p. 36) são uma demonstração da inércia do texto impresso que carrega e difunde elementos estruturantes da cultura escolar. Entretanto, em algumas propostas dos livros digitais estudados, encontram-se propostas em formato rizomático, em que os caminhos de diálogo com a área de conhecimento e a construção de conhecimento ocorrem de forma mais nômade (Escolano-Benito, 2012). Na particularidade da relação do sujeito com o conhecimento musical, o formato de correspondência proposto pelo Youtube, em que cada música ouvida traz uma variedade de caminhos para próximas audições a partir de paralelos como estilo musical, época da música ouvida, formação musical, temática da música, etc.

Um olhar inicial sobre os livros digitais aqui estudados dava a impressão de que a tradição de perpetuação de certos conteúdos parecia não ter a mesma força dos livros escritos. Entretanto uma análise mais aprofundada demonstra a força da tradição seletiva da escola, conforme apresentada por Forquin (1993), ou como Mangel (1997) aponta ao referir-se aos conteúdos relativos ao estudo da literatura, destacando que

«A história da literatura, tal como consagrada nos manuais escolares e nas bibliotecas oficiais, parecia-me não passar da história de certas leituras – mais velhas e mais bem informadas que as minhas, porém não menos dependentes do acaso e das circunstâncias.» (p. 35).

Em certas partes dos livros digitais para o ensino da Arte/Música verificou-se a proposição de abordagens originais, mesmo que de forma tímida, renovando algumas formas tradicionais de ensinar. Compreende-se aqui o livro segundo Schmidt, Bufrem e Garcia (2013), apoiando-se em Escolano-Benito, enquanto “elemento mediador que ensina e educa não somente alunos, mas também os próprios professores, significando que atinge a todos os usuários, não somente na sociedade tradicional, mas também na sociedade chamada da informação e do conhecimento.” (p. 164). A perspectiva de compreender o livro didático (incluindo o livro digital) como instrumento de formação dos professores está explícita no edital que rege a seleção do PNLD e permite vislumbrar um professor mais ativo no exercício de sua prática docente, com a possibilidade de romper com a tradição do isomorfismo (Mota, 2000) que marca particularmente o ensino da música.

Entretanto, a projeção feita por Kant (in Chartier, 1999), apresentada no início deste artigo ainda é vista de forma paradoxal nos livros digitais analisados. Se, por um lado, o formato digital seria um espaço em que professores e alunos pudessem ser não apenas leitores, mas autores, por outro, a condução das propostas metodológicas permite pouco espaço para a construção de conhecimento, propondo frequentemente modelos de ensino em que os professores apenas conduzem as atividades propostas pelos livros.

4. Conclusão

Este estudo permite afirmar que o livro digital, mesmo que em seus estágios iniciais, é uma realidade nos programas estatais brasileiros de seleção, aquisição e distribuição de livros didáticos. Tais materiais facilitam consideravelmente o acesso às mídias, elemento essencial para a Educação Musical. Dessa forma, tais livros assumem essencialmente o papel de mediadores entre a área de conhecimento didatizada e o mundo virtual, em particular os repositórios de músicas e vídeos disponíveis na internet. O papel dos professores nesse processo ainda é pouco conhecido e seria necessário conduzir pesquisas sobre os usos dos livros digitais para o ensino da Arte/música para melhor descrever e compreender essa dinâmica.

A possibilidade de utilização do material digital está diretamente relacionada à sua conexão com periféricos, e à web. No que se refere aos periféricos, isso implica a qualidade de audição dos exemplos em áudio e vídeo oferecidos (qualidade do som e da imagem). Com relação à internet, velocidade e qualidade de conexão permitirá um acesso mais rápido a vários links sugeridos, além de também permitir uma navegação mais fluida em sites interativos.

As análises permitem apontar que não existe um formato hegemônico na forma de produção dos livros estudados. Tratando-se de um formato que é muito recente (Escolano-Benito, 2012), não é possível identificar uma tendência principal. Cada autor e editora propõe um modelo diferente do que seria o livro digital. Para um estudo das coleções, isso traz um desafio grande, pois as categorias de análise são dificilmente adaptáveis a todas elas. Por outro lado, no que se refere à originalidade dos livros, a não padronização possibilita ter soluções originais na escrita e organização dos livros, como acontece em uma atividade de instalações sonoras em que o banco de sons deve ser gravado pelos alunos por meio de telefones celulares e, posteriormente categorizados em sons naturais e sons artificiais.

No que se refere à pesquisa em manualística, o formato dos livros didáticos digitais ainda é desafiador para um pesquisador que se aventura em seu interior a partir dos referenciais dos livros didáticos impressos (como é o meu caso). A escala de análise invariavelmente será tomada a partir do formato do livro didático impresso, incluindo a ordenação de conteúdos e a forma de orientar o percurso de aprendizagem. Talvez, esteja aí a necessidade em vislumbrar o desenvolvimento de uma «manualística digital» (apropriando-se do termo defendido por Escolano-Benito (2006).

Há um aspecto importante que é pouco mencionado sobre os livros digitais que são sua enorme vantagem para os deficientes visuais. Estes podem ter acesso a um universo muito mais abrangente por meio dos leitores de computadores ou outros dispositivos (Failla, 2016)

Para Pierre Bourdieu (1982), os livros didáticos têm um papel importante no processo de perpetuação de formas específicas de pensar, uma vez que «As antologias e os manuais constituem o gênero por excelência das obras subordinadas à função de valoração e ordenação que cabe à escola.» (p. 215). Entretanto, tal análise do livro didático talvez seja diferente a partir das novas configurações dos livros digitais. Para estes, qualquer informação pode rapidamente ser conferida em uma constelação de ‘facilitadores’ de acesso ao conhecimento, tais como enciclopédias e dicionários online, além de milhares de blogs e fóruns de discussão. No que se refere à particularidade da Educação Musical, o modelo rizomático de organização das mídias disponíveis, permite que o estudante se aventure em novos mundos musicais que jamais tinham sido previstos pelos autores dos materiais didáticos ou pelos professores que conduzem as au-

las. Talvez ainda seja cedo para vislumbrar as aventuras da Educação Musical na transição do «leitor ao navegador», parafraseando o título de Roger Chartier (1999).

5. Referencias

- Batista, A. (1999). Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In ABREU, Márcia (Org.). *Leitura História e história da leitura*. São Paulo: Fapesp.
- Bourdieu, P. (1982). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Brasil (2016) Lei número 13.278, 2 de maio de 2016. Recuperado a partir de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm
- Brasil (2017), Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Verão aprovada pelo CNE. Brasília: MEC. Recuperado a partir de <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.
- Brasil (2018), Edital PNLD 2020. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica. Recuperado a partir de <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11555-edital-pnld-2020>
- Brasil (2019a). Guia digital PNLD 2020. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica. Recuperado a partir de https://pnld.nees.com.br/assets-pnld/guia_s/Guia_pnld_2020_pnld2020-arte.pdf
- Brasil (2019b). Programa do livro – dados estatísticos. Brasília: MEC. Recuperado a partir de <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>
- Chartier, R. (1999). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP.
- Cuesta, R. (2006). *Los textos visibles del saber y el poder en la escuela. Una mirada crítica*. En A. Escolano (ed.): *Currículo editado y sociedad del conocimiento*. Texto, multimedialidad y cultura de la escuela. Valencia: Tirant lo Blanch.
- Eco, H. (1998). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.
- Escolano-Benito, A. (2006). *El libro escolar y la cultura de la educación. La manualística, un campo en construcción*. Valencia: Tirant lo Blanch.
- Escolano-Benito, A. (2012). El manual como texto. *Pro-Posições*, v. 23, n. 3, 33-50
- Failla, Z. (2016). (Org.) *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Forquin, J. (1993) *Escola e Cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Garcia, T. (2013) *Os livros didáticos na sala de aula*. In T. Garcia; M. Schmidt; R. Valls. *Didática, história e manuais escolares: contextos ibero-americanos*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Gil, A. (1991) *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gohn, D. (2013). Internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. *Revista da Abem. Londrina*, v.21, n.30 25-34
- Harari, Y. (2018) *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: S&PM.
- Leibovich, L. (2018). *Do Toque ao Clique: A História da Música Automática: catálogo de exposição*. São Paulo: SESC
- Manguel, A. (1997) *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mithen, S. (2006) *The singing neanderthals: The origins of music, language, mind and body*. London: Phoenix.
- Martínez-Valcárcel, N. (Ed.) (2018). *Los materiales y los trabajos de los alumnos en el aula de Historia de España en bachillerato: Seis escenarios para su interpretación*. Murcia: CEME.
- Mota, G. (2000) *O ensino da música em Portugal*. In L. Hentschke (Ed.) *A educação musical nos países de línguas neolatinas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- Rodríguez, J. García, T. (2019). *IARTEM and its international growth and development in recent years (2010-2018)*. In J. Rodríguez; T. García and E. Bruillard (Ed.) *IARTEM 2016-2016, 25 years developing textbook and educational media research*. Santiago de Compostela: IARTEM.
- Roch-Fijalkow, C. (2007). Présentation d'un modèle-type d'analyse de contenu de manuels, ouvrages ou tous support pédagogiques, pour la recherche et la

- pratique en éducation musicale. *Recherche en education musicale. Québec, n. 26, 253-265.*
- Romanelli, G. (2014). Antes de falar as crianças cantam! Considerações sobre o ensino de música na educação infantil. *Revista Teoria e Prática da Educação, v. 17, n.3, 61-71.*
- Romanelli, G. (2019). *Research on music textbooks in Brazil.* In J. Rodriguez; T. Garcia and E. Bruillard (Ed.) IARTEM 2016-2016, 25 years developing textbook and educational media research. Santiago de Compostela: IARTEM.
- Pedrosa, F. (2017). *O processo de ensino/aprendizagem da viola caïçara na ilha de Valadares: possibilidades e limites de sua didatização.* Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR – PPGM.
- Schmidt, M; Bufrem, L.; Garcia, T. (2013) *Os manuais destinados a professores como fontes para a história das formas de ensinar.* In T. Garcia; M. Schmidt; R. Valls. Didática, história e manuais escolares: contextos ibero-americanos. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Shahi, S. (2015). Research Tool Design: Constructing Research Tools as Catalyst. *Journal of NELTA Surkhet, 4, 91-97.*
- Souza, J. (1997) (Ed.). *Livros de música para a escola: uma bibliografia comentada.* Porto Alegre: UFRGS.
- Vieira, E. (2018). *Jovens, escolarização e livros didáticos: estudo Etnográfico em uma escola de assentamento (SC).* Tese de doutorado. Curitiba: UFPR – PPGE.

